

A ESCRITA NA CLÍNICA FONOAUDIOLÓGICA

*Lúcia Masini**

Elaboração da escrita: um rito de passagem

Certa vez, em meu trabalho terapêutico, conversei com um garoto de seis anos sobre um ritual indígena da tribo sateré-maué. Trata-se da celebração da passagem da adolescência para a vida adulta. Garotos entre dez e catorze anos, durante vinte dias de festa, colocam uma de suas mãos dentro de uma luva de palha trançada cheia de formigas venenosas, as tucandeiras, durante quatro horas por dia. Os garotos choram, alguns chegam a ter febre, tamanha é a dor provocada pelas picadas. A passagem para a vida adulta é marcada pelo sofrimento físico. Questionado sobre o assunto, o garoto de seis anos disse: “o índio tem que pôr a mão na luva e a gente tem que aprender a ler e a escrever. Não dói tanto, mas dá muito trabalho”. Esse menino, que está em pleno processo de aquisição de escrita, não se lança a dominá-la. Aprender a ler e a escrever para ele é sinônimo de sofrimento e disso parece querer distância. Atitude até saudável para quem

* Fonoaudióloga, Professora Assistente, mestre em fonoaudiologia da PUC-SP.

Lúcia Masini

não sente nada, além da dor, quando lhe é proposto escrever. Que acolhimento é dado a uma criança como essa na clínica fonoaudiológica? Seria sua questão com a escrita um problema estritamente pedagógico?

Para responder a essas perguntas, recorro aos textos que seguem. Propositamente não estão assinados para que o leitor possa adivinhar seus autores.

Autor I

O cachorro Bilu

O Bilu encontrou um osso e enterrou no quintal.

Depois que ele voutou onde ele enterrou o osso não estava mais lá.

O Bilu cavou, cavou, cavou, cavou e não encontrou o osso.

Pobri do Bilu!

Depois ele percebeu que não dava para encontrar o osso mais.

Autor II

Piadas eingrasada

Era uma veis un pato ele xorava e o pexe perguntol puque voce ista xorando purque a minha mãe é uma galinha e ai o pexe comesol a xora e ai o pato perguntou porque voce está xorando porque a minha mãe é uma piranha.

Planta

Planta é cumida

u nomi da cumida

couvi flor

e comi cou a mau que come

couvi flor

i vem cou u galho

e é uma planta di augumas floresta
a genti dis
verdura é bou todo mundo comer
couvi flor
é muito gostosa
tein planta
qui tei frutas
frutas como masa uva pesiguo
i tamei floris
é uma delisia
plantas
tamei é muito bou para natureza

Autor III

O que ganharemos com os clones?

A palavra chave de hoje é: clonagem. Após o surgimento da ovelha Dolly, abriu-se uma enorme discussão sobre o assunto. Clonar ou não clonar? De um lado, cientistas aprovam o processo. Do outro, a igreja e os governos buscam medidas para a proibição da fabricação de clones, pois os humanos seriam o próximo passo. Mas qual o ganho da humanidade com eles?

Doação de órgãos pode ser um argumento a favor, pois ajudaria a prolongar a vida das pessoas. Entretanto, o custo para a manutenção de um clone doador em estado vegetativo é muito alto. Além do mais, se o clone for criado no momento do nascimento da pessoa, ambos possuirão a mesma idade e talvez sejam propensos aos mesmos problemas de saúde. Sem contar que é muito mais vantajoso transplantes de órgãos de alguém mais jovem.

Em relação à clonagem de celebridades, há o seguinte problema. O contexto em que a celebridade foi criada contribuiu para sua fama. As experiências da vida são individuais. Do que adiantaria clonar FHC? Não havendo ditadura, o clone levaria uma vida bem diferente. Talvez nem se tornasse presidente. E clones de Michael Jackson? Sem os Jackson Five, Michael seria apenas um cantor de

coral. Os clones são idênticos geneticamente, mas a vivência é que molda as pessoas, e é por isso que os clones não têm futuro igual à sua matriz biológica.

Há também a questão da ética. Uma das características da espécie humana é a individualidade. É extremamente bizarro imaginar alguém deparar-se com um clone seu. Uma séria crise de identidade pode ocorrer. Ou, numa hipótese mais complexa: como iria alguém reagir, se seu chefe fosse ele mesmo, na forma de clone?

Para concluir, a ciência existe para ajudar o homem. Não havendo ganho para a humanidade, não há motivos para a aprovação da clonagem. Isso contradiz o motivo da criação da ciência. Aprimoramento da espécie também não justifica haver cópias humanas. Abortar uma criança defeituosa e trocá-la por uma perfeita não passa de crime contra o direito à vida. A humanidade é bela devido à sua diversidade étnica, cultural e individual. Todos são exclusivos: por que mudar isso?

Em outras ocasiões em que mostrei os mesmos textos, foi possível observar que o recurso mais utilizado para a definição do autor foi o uso da ortografia. Dessa forma, pela avaliação dessas outras pessoas, fonoaudiólogos e educadores, na grande maioria, o Autor I seria uma criança que já teria passado pela fase inicial da alfabetização, devendo cursar segunda ou terceira séries do primeiro grau, sem apresentar qualquer dificuldade no processo de aquisição, já que, além do conhecimento ortográfico, o texto, embora simples, mostrava-se bem estruturado. Nessa mesma linha de raciocínio, o Autor II seria uma criança mais velha, repetente talvez, pois não parecia ter dominado as regras básicas da escrita, como ortografia e pontuação. O Autor III, alguém que tem a escrita como instrumento do seu trabalho, um jornalista provavelmente, já que mostrava total domínio do uso das regras da escrita e um discurso articulado. A referência feita ao conteúdo dos textos provocou divergências significativas de opiniões somente com relação ao Autor II que, de criança repetente de segunda ou terceira séries, moradora da zona rural ou periferia de São Paulo, passou por adolescente deficiente auditivo e, ainda, adulto semi-alfabetizado.

Revelemos, então, a identidade dos autores desconhecidos.

O Autor I é, de fato, uma criança de oito anos, aluna da segunda série de um conceituado colégio particular de São Paulo. Ao contrário do que todos pensaram, essa criança está em terapia fonoaudiológica por apresentar queixa de dificuldade na aprendizagem da escrita. Cabe citar que os pais procuraram o atendimento clínico com a convicção de que ela, de fato, não sabia escrever. Embora seu conhecimento de mundo fosse vasto, tendo ela acesso a diversos bens culturais, sua expressão, oral e escrita, não abarcava tais referências. Seus textos são simples porque não ousa escrever. Quando solicitada a desenvolver um pouco mais uma opinião sobre qualquer assunto, embora saiba, opta por dizer não sei. Sua escrita limpa, sem erros ortográficos significativos, esconde a história de uma criança que se sente derrotada.

O Autor II, motivo de divergências, é uma criança de seis anos que ainda não passou pelo processo formal da escrita. Aluna do Jardim II de outro também conceituado colégio particular de São Paulo, vê na escrita uma possibilidade de ampliação e elaboração do seu conhecimento de mundo. Não se intimida com o desconhecimento das regras ortográficas e de estruturação textual. Registra tudo que ouve e aprende, para depois, quem sabe, retomar, rever, aprofundar, num movimento de integrar o conhecimento da escrita ao conhecimento de mundo.

Já o Autor III poderia sim ter seus textos publicados em jornais, se o quisesse. Acontece que, neste momento, está mais preocupado em se concentrar para o vestibular, já que termina o segundo grau neste ano e tem ambições de frequentar uma boa universidade. Vale salientar que este adolescente procurou a clínica fonoaudiológica não por apresentar dificuldades específicas na escrita, mas sim para aperfeiçoar seus conhecimentos e ampliar suas possibilidades expressivas. O texto apresentado é fruto desse trabalho.

Não por acaso a ortografia foi eleita como primeiro critério para a avaliação dos textos. Ela ainda continua sendo a principal preocupação na aprendizagem da escrita, tanto para os educadores da grande maioria das escolas, como para os pais de crianças em fase de alfabetização. Por isso a diversidade de opiniões com relação à identidade do Autor II. Numa primeira leitura, a ortografia determinou o sujeito. Pensou-se numa criança mais velha, repetente talvez, porque é muito difícil, ainda, conceber a idéia de alguém, estando nos primórdios do

conhecimento da escrita, lançar-se a escrever textos. Quando a atenção foi dirigida ao conteúdo, ainda assim, a lógica do erro prevaleceu, pois os possíveis autores seriam uma criança de periferia, um adolescente deficiente ou um adulto semi-alfabetizado, ou seja, três pessoas que, por condições socioeconômicas, culturais ou individuais, poderiam ter maiores dificuldades na aprendizagem de aspectos mais formais da linguagem. É o valor que se dá à ortografia em detrimento do que se escreve e de quem escreve.

Muitos fonoaudiólogos partilham dessa concepção, na medida em que devolvem os pacientes que chegam à clínica com dificuldades de escrita à instituição educacional, dizendo ser este um problema pedagógico. Mas seria plausível concluir que o Autor I, por apresentar um texto com poucos erros, está se relacionando de forma integrada com seus recursos expressivos?

Conhecimento de mundo e de escrita só são possíveis de serem aprofundados se o ser humano possui capacidade de lidar com a frustração inerente aos momentos de dificuldades e de não saber.

Crianças que possuem pouco conhecimento de mundo e/ou de escrita, mas capacidade de tolerância à frustração, são crianças que avançam em seu processo de construção de conhecimento. Já aquelas que possuem até mais conhecimento de mundo e/ou de escrita que as anteriores, mas que pouca tolerância têm às frustrações, desenvolvendo uma relação com a escrita marcada por um sofrimento, só a intervenção escolar não é suficiente. Não se trata, portanto, de um problema pedagógico. Estas crianças, como o Autor I, possuem uma demanda clínica, e é para elas, e todos aqueles que possuem a marca do sofrimento na construção da linguagem, que o trabalho fonoaudiológico está voltado. Ou seja, é próprio da configuração da clínica fonoaudiológica possibilitar aos seus pacientes que descubram algo novo a seu respeito, que se lancem a desenvolver recursos até então pouco conhecidos.

Elaboração da escrita: a conquista do prazer

Os autores dos textos reunidos a seguir, todos pacientes da mesma clínica fonoaudiológica¹, sabem que escrever dá trabalho.

1. Trabalho realizado pelas fonoaudiólogas Lúcia Masini, Cláudia Perrotta e Laura Wey Märtz, na clínica Contraponto Fonoaudiologia.

No entanto, suas produções refletem momentos em que conseguiram integrar conhecimento de mundo e conhecimento de escrita, enfrentando as dificuldades e frustrações inerentes ao processo de se colocar diante do outro com um dizer próprio. Encontramos em todos os textos o exercício do pensamento, a busca de uma maneira própria de falar e/ou escrever.

Texto I

São Paulo, 12 de maio de 1997.

Para Tribo Sateré Maué,

Li uma reportagem que a *Folha de S. Paulo* publicou sobre os rituais de passagem para a vida adulta.

Se eu fosse um índio Sateré Maué e tivesse na idade de me tornar adulto e tivesse que colocar a mão em uma luva cheia de formigas, eu preferiria continuar criança. Em vez de vocês fazerem esses rituais dolorosos, vocês deveriam dar um presente aos índios jovens. Na nossa sociedade o costume é que quando alguém faz 18 anos os pais dão um carro para o filho, o que significa que ele é um adulto e tem responsabilidades. O carro é um meio de transporte e para guiá-lo é preciso tamanho para alcançar a direção, muita atenção e conhecimento de regras de trânsito. Como vocês não têm carro, poderiam dar um presente que significasse que os jovens já podem fazer coisas de adultos.

U.S.

Texto II

Os rituais da cidade

Caros índios, como aí em sua tribo na Amazônia, os homens da cidade têm seus rituais de crescimento também, mas ao contrário daí nós criamos um diferente. As pessoas urbanas têm que provar que já amadureceram, e as provas são: saber dirigir, arrumar emprego, casar, e também ter outras responsabilidades desse tipo, ou seja, temos que encarar a vida que vivemos de frente, por mais dura que ela seja. Na escola, o aluno fica numa classe que tem mesas, cadeiras, uma lousa e é acompanhado por um monte de outros alunos e todos recebem um professor de cada matéria.

O professor ensina para os alunos contas de matemática, que é uma matéria de escola, assim como o corpo humano que é de ciências, a história do Brasil e também sobre estados, países, capitais, que é geografia. Em português estudamos nossa língua e em inglês estudamos o idioma falado nos Estados Unidos.

Na escola também tem recreio, que é um tempo de folga para o aluno comer e descansar. A educação física não é uma matéria, é uma aula de esportes.

A prova do aluno é uma lição no papel que vale uma nota de zero a dez e o seu objetivo é tirar dez, e eles fazem isso para ver se você aprendeu todas as matérias ensinadas.

E por fim, quando a aula acaba, você volta pra casa, Graças a Deus!!!!

D. V.

Um diálogo sobre a reportagem “Índio cresce na base do sofrimento”

– L., você gostaria de ser índio? Justifique sua resposta.

– Eu acredito que não, principalmente depois de ter lido essa reportagem e também porque eu já conheço muito o mundo urbanizado para querer ir morar no mato, ao sabor da natureza. E você, E., o que achou dessa reportagem?

– Eu acho chata porque li e não gostei de saber que os índios sofrem muito na adolescência. E você, o que achou?

– Eu penso que é bom ler reportagens como essa para saber como vivem as pessoas nos vários lugares do mundo. Concordo com você, quando diz que é chato descobrir que os índios sofrem muito na adolescência. E., você acha que os adolescentes na nossa sociedade sofrem?

– Eu acho que sim, por exemplo, os pobres são revoltados porque não têm família e moram na rua ou porque os pais os maltratam.

- E os adolescentes que não são pobres, eles sofrem?
- Não, eu acho que não porque..... eu não conheço ninguém que sofre. E você, qual é sua opinião?
- Eu acho que sofrem, E.
- Por quê?
- Porque eles vivem uma situação muito indefinida: às vezes dizem que eles já são grandes e que podem ser responsáveis e, em outro momento, quando por exemplo eles querem sair sozinhos com os amigos ou namorado(a), aí não são mais adultos. Acho difícil ser adolescente.

Texto III

(Edineusa, para quem esta carta é endereçada, é uma índia que fez parte da reportagem e que teve seus cabelos arrancados como parte do ritual que insere as meninas na vida adulta)

30 de abril de 1997

Edineusa,

eu acho que esse ritual pelo que você passou é muito doloroso e sofrido, pois, para que arrancar os cabelos só para mostrar que já é uma mulher adulta? Eu sei que é um ritual dos índios mas eu não aprecio este ritual e não me submeteria a fazê-lo.

R.L.

Texto IV

Rituais de adolescência

Adolescência: processo biológico que marca o fim da infância e o início da vida adulta. Hormônios sexuais atuam intensivamente, modificando o corpo e a mente. Se isso apenas bastasse para tornar alguém adulto, a vida seria bem mais fácil. Mas não é. Vivemos em sociedade, e as mudanças não afetam apenas o próprio adolescente, afetam todo o seu contexto; por isso, os rituais são feitos para marcar a passagem. Os índios utilizam a dor física como prova de maturidade. Nós, por outro lado, exploramos

outro campo da dor: a psicológica.

Consideramos estarrecedor o fato de a dor ser o princípio para o ritual indígena, mas uma vez passado, o índio pode gozar todos os direitos de um adulto. Nós passamos por rituais diferentes mas também penosos. O vestibular é um deles. A pressão psicológica é intensa. Uma não aprovação no teste pode gerar traumas complexos. E o mais grave: sofremos ao passarmos por ele, mas acabamos achando-o natural e que deve continuar, sem questionar sua validade. Paradoxalmente, censuramos os rituais indígenas, mas estimulamos os nossos. Outro ritual de dor que passamos é o exército militar. Neste ponto somos semelhantes aos índios quanto à questão da dor física. O exército é o terror do adolescente do sexo masculino. Há pessoas que chegam a pagar para não serem convocadas mas todos acreditam que é natural passar por isso, tanto que o serviço militar é obrigatório por lei.

Estamos cegos à nossa realidade, na qual mantemos rituais em que a dor psicológica predomina sobre a física. Estamos equivocados ao condenarmos os índios, ao atribuir-lhes a crueldade em seus rituais. Na verdade, nós é que somos desumanos, ao permitir que nossos rituais continuem, tendo nós sofrido com eles. Ademais, a dor para os índios dura apenas o período do teste. Em nosso caso, a dor psicológica não possui fim determinado, podendo se estender por toda a vida, ou deixar ferimentos incuráveis. Coitado é o adolescente urbano que passa por toda essa ladainha.

Apesar do trabalho que deu, ou talvez até por ele, foi com satisfação que os pacientes expuseram esses textos no painel coletivo situado num espaço comum da clínica. A construção de cada um passou por processos particulares, sendo, às vezes, resultado de várias sessões terapêuticas, com leituras diversas sobre o assunto, discussões, análise dos textos já expostos dos outros pacientes. Vale ressaltar que a forma como cada paciente entrou em contato com o assunto trouxe contribuições importantes para o conhecimento do processo de escrita de cada um. A autora do *Texto III*, por exemplo, uma garota um ano mais velha que a índia Edineusa, ficou indignada com o modo pelo qual as meninas entram no mundo adulto e, embora possa desenvolver textos com certa facilidade, não conseguiu expressar sua revolta, como queria, na carta que escreveu. Antes de ter consciência de que o tema também interfere na sua escrita, essa garota dizia não entender por que às vezes não se safa bem em algumas provas ou redações.

Certa vez, discutindo com a terapeuta uma interpretação de texto, feita na escola, essa garota pôde perceber o quanto ficara impressionada com as características do personagem principal, não conseguindo desvencilhar-se delas em suas respostas. Ter ido mal na prova ganhou novo sentido e, mais consciente de seu processo de construção da escrita, sentiu-se fortalecida.

O autor do *Texto IV*, o mesmo Autor III do início desse texto, viu na reportagem dos índios uma possibilidade de elaborar, um pouco mais, o sofrimento pelo qual estava passando na preparação para o vestibular, percebendo inclusive que poderia escrever sobre o assunto com argumentos plausíveis, sem recair nos chavões comuns usados pela maioria dos jovens nessa situação.

Desta forma, entendo que é papel do fonoaudiólogo acolher experiências complexas e profundas de modo a instigar em seus pacientes que integrem seus conhecimentos de linguagem, que os ampliem no sentido de buscar novas maneiras de articular e integrar suas experiências, seus pensamentos, seus sentimentos.

Resumo

O texto aqui apresentado discute a diferenciação das visões pedagógica e terapêutica no trabalho com a escrita. Quanto à clínica fonoaudiológica, aborda questões referentes à relação que o paciente estabelece com a linguagem escrita, buscando, a partir de algumas produções, expressar a importância dos conteúdos que aí emergem para o encaminhamento do processo terapêutico.

Palavras-chaves: clínica fonoaudiológica, escrita, material terapêutico.

Abstract

This paper discusses the differentiation between a pedagogical and a therapeutic view on working with writing at a clinic. It approaches some points about the relationship which patients establish with the written language. Based on several written productions, the author shows the importance of the contents which emerge from this activity to the implementation of the therapeutic process.

Key-words: speech and language therapy, writing, therapeutic tools.

Lúcia Masini

Bibliografia sugerida

- BAKHTIN, M. (1979). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec.
- BION, W. R. (1988). *Estudos psicanalíticos revisados (Second thoughts)*. Rio de Janeiro, Imago.

Recebido em ago/98; aprovado em nov/98